



Diálogos entre a Lexicografia Histórico-Variacional e o Ensino de Língua Portuguesa

Dialogues between Historical-Variational Lexicography and Portuguese Language Teaching

Cemary Correia de Sousa*
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Jane Keli Almeida da Silva**
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio***
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Este trabalho tem por objetivo propor reflexões acerca dos diálogos entre a Lexicografia histórico-variacional e o ensino de língua portuguesa. Para isso, utilizam-se os aportes teóricos da Dialetoleologia; a Lexicografia histórico-variacional e dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) para o Ensino Fundamental. No que tange à composição do *corpus*, este estudo foi constituído a partir de respostas coletadas através do *Questionário Semântico-Lexical* (QSL), um dos instrumentos metodológicos do ALiB, referente a 14 áreas temáticas – Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana –, totalizando 202 questões, em 6 capitais da Região Norte do Brasil: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho. Como resultados, apresentam-se alguns verbetes que compõem a macroestrutura do *Vocabulário Dialectal da Região Norte do Brasil*, como anteontem, chamechuga, vagem, cosca, os quais podem funcionar como uma proposta pedagógica para o ensino da língua portuguesa em perspectiva sincrônica e diacrônica, orientada, evidentemente, pela diversidade linguística. Nesse sentido, a análise dos dados possibilitou realizar o registro lexicográfico e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional, representando assim um contributo importante para as discussões engendradas no âmbito do ensino de língua portuguesa e da constituição do seu léxico em perspectiva histórica.

Palavras-chave: Variação Linguística. Ensino de língua portuguesa. Lexicografia Histórico-Variacional. *Atlas Linguístico do Brasil*. *Vocabulário Dialectal da Região Norte do Brasil*.

* Mestre em Língua e Cultura e estudante de doutorado em Língua e Cultura na UFBA. E-mail: cemarycorreia@bol.com.br.

** Mestre em Língua e Cultura e estudante de doutorado em Língua e Cultura na UFBA. E-mail: janekelialmeida@gmail.com.

*** Doutora em Linguística, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: lisanasampaio@ufrb.edu.br.

Abstract: This study aims to propose reflections about dialogues between the historical-variational Lexicography and the teaching of Portuguese. For this, the theoretical concepts of Dialectology and of historical-variational Lexicography and of the *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) for Elementary Education are used. In relation to composition of the *corpus*, this study consisted as of responses collected through of the *Questionário Semântico-Lexical* (QSL), methodological tool of the ALiB, regarding 14 thematic areas – geographic characterisc; food and cooking; stars and weather; agricultural systems; life-cycles; social interaction; human body; fauna; atmospheric phenomena; housing; games and distractions child’s; religion and beliefs; clothes and urban life – , totalling 202 issues, in 6 capital cities of the north region of the Brazil: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho. As the results, some entries which compounds the macrostructure of the *Vocabulário Dialectal da Região Norte do Brasil* are presented, such as, for example, *anteontem*, *chamechuga*, *vagem*, *cosca*, which can be used as pedagogical proposal for the teaching of Portuguese Language, in perspective synchronic and diachronic, oriented clearly by linguistic diversity. In this sense, the data analysis made it possible to carry out lexicographic record and the documentation of the lexical diversity of the Brazilian Portuguese, according to principles of Pluridimensional Geolinguistics, thus representing an important contribution to the discussions engendered in the context of Portuguese language teaching and the constitution of this lexicon in historical perspective.

Keywords: Linguistic Variation. Portuguese Language Teaching. Historical-Variational Lexicography. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Dialectal Vocabulary of the North area of Brazil.

1 PROÊMIO

Já não quero dicionários
consultados em vão.
Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.
Que resumiria o mundo
e o substituiria.
Mais sol do que o sol,
dentro da qual vivêssemos
todos em comunhão,
mudos,
saboreando-a.

(Carlos Drummond de Andrade. *A Paixão Medida/A palavra*, 1983).

O léxico de uma língua “é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo” e, por essa razão, é o aspecto mais afetado pelas mudanças ao longo do tempo (VILELA, 1994, p. 14). Nesse sentido, o léxico é o nível da língua que mais rapidamente acompanha as dinâmicas da sociedade, adaptando-se aos novos contornos sociais e desejos do falante, o qual age sobre a língua significando e ressignificando os usos linguísticos.

Assim, ao pensar sobre os produtos lexicográficos, em especial, os dicionários, ou mesmo o *thesaurus*¹ de uma língua, como as ferramentas responsáveis por guardar, dentro da dimensão do possível, as unidades de língua de uma nação, é necessário considerar que tais registros representam apenas uma parte da realidade linguística de uma comunidade,

¹ Conforme atesta o registro do Dicionário Aulete, o termo latino *Thesaurus* se refere a registro exaustivo do léxico de uma língua ou ao seu dicionário analógico (Cf. Versão digital do Dicionário Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/thesaurus>>, acesso em 04/06/2020).

uma vez que, como lindamente observam os versos drummondianos que iniciam este texto, a imensa potência significativa inerente à comunicação humana, sua heterogeneidade e dinamicidade têm o poder de tornar o reino² das palavras³ inapreensível em sua totalidade.

Note-se que, dentre os muitos fatores que impossibilitam tal registro, cabe destacar o lugar ocupado pela globalização⁴ e a facilidade que essa trouxe para o estabelecimento da comunicação entre povos, pois, de tempos em tempos, unidades linguísticas caem em desuso ou novas unidades aparecem, muitas vezes, como “usos da moda”⁵, as quais nem sempre permanecem na língua a ponto de alcançarem o estatuto necessário para serem dicionarizadas.

A língua entendida como uma realidade social e cultural está, portanto, sujeita a variações e mudanças ininterruptas, representando as culturas e histórias de um povo, e não pode ser melhor analisada, senão pela sua realização real em contexto de interação. Soma-se a isso, a constatação de que, conforme aponta Faraco (2016, p. 9),

as línguas estão intimamente atadas às dinâmicas histórico-políticas e às construções imaginário-ideológicas das sociedades em que são faladas. Em outros termos, as línguas não existem em si e por si; elas não são entidades autônomas – as línguas são elas e seus falantes; elas e as sociedades que as falam (FARACO, 2016, p. 9).

Ratifica-se, desse modo, que, dentre os diversos níveis da língua, o léxico, por ser o nível linguístico que mais sofre modificações “sociais e culturais que acarretam alterações nos usos vocabulares” (BIDERMAN, 2001, p. 39), revela marcas do ambiente físico e social em que o indivíduo está inserido e, por essa razão, urge fomentar a construção de produtos lexicográficos que tragam à tona a multiculturalidade do português brasileiro, a fim de promover a discussão sobre as identidades linguísticas e a norma-padrão, descrita nos compêndios gramaticais, à luz de dados factuais do português falado no Brasil e suas características, identificando os contextos em que as unidades são mais ou menos produtivas.

Tal iniciativa articula-se com o que foi estabelecido pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, documento referência para o ensino escolar básico no Brasil, o qual assegura que a escola deve possibilitar ao aluno:

² Referência ao verso “penetra surdamente no reino das palavras”, do poema também drummondiano *À procura da poesia*, publicado no livro *A Rosa do Povo*.

³ Apesar do uso do conceito de palavra neste texto com fins apenas de retomada do pensamento do poeta, reconhece-se a impropriedade terminológica desse termo, constituindo-se como um problema para gramáticos e linguistas.

⁴ Neste trabalho, considera-se o conceito de “globalização” apresentado por Hall (2006), segundo o qual o termo “se refere àqueles processos, atuantes em uma escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado” (HALL, 2006, p. 67).

⁵ Entende-se por “usos da moda” as unidades vocabulares que são repetidas exaustivamente por celebridades e pessoas comuns, dentro ou fora de contexto, sobretudo as expressões em língua inglesa, como *crush*, *stalkear*, *bugado*, *shippar* etc.

Item 4: -conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico (BRASIL, 1998, p.33).

Item 5: -reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades. (BRASIL, 1998, p. 33).

Dessa maneira, é necessário defender o desenvolvimento de uma lexicografia que tenha como pressuposto básico a diversidade, ou seja, um tratamento lexicográfico dos dados que considere as idiosincrasias dos sujeitos e de sua comunidade de pertencimento, e que possa atestar que a variação linguística é inerente a qualquer língua humana e pode ser observada sincronicamente, através da diversidade dialetal, ou diacronicamente, por processos de mudança linguística e que possa ser uma obra de referência que preencha o vão dos dicionários, cada vez mais raramente, utilizados no ensino de língua portuguesa.

Neste estudo, com base em aportes teóricos da Lexicografia histórico-variacional; da Dialectologia e nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) para o Ensino Fundamental, tenciona-se fomentar reflexões acerca de possíveis diálogos entre a Lexicografia histórico-variacional e o ensino de língua portuguesa.

No que tange à composição do *corpus*, este artigo foi constituído a partir de respostas coletadas através do *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*, um dos instrumentos metodológicos do ALiB, referente a 14 áreas temáticas – *Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana* – totalizando 202 questões, em 6 capitais da Região Norte do Brasil: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho.

Como resultados, apresentam-se alguns verbetes construídos, que compõem a macroestrutura do *Vocabulário Dialectal da Região Norte do Brasil*, como *anteontem, chamechuga, vagem, cosca*, os quais podem funcionar como uma proposta pedagógica para uma apreensão mais acurada da língua portuguesa em perspectiva sincrônica e diacrônica, marcada como tem de ser pela diversidade linguística. Nesse sentido, a análise dos dados possibilitou realizar o registro lexicográfico e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional, representando assim um contributo importante para as discussões engendradas no âmbito do ensino de língua portuguesa e da constituição do seu léxico em perspectiva histórica.

2 APORTES TEÓRICOS DA LEXICOGRAFIA HISTÓRICO-VARIACIONAL

Para conhecer a constituição histórica do léxico do português brasileiro, têm-se desenvolvido uma série de investigações no âmbito da lexicologia e da lexicografia, nomeadamente em perspectiva histórico-variacional, já que a falta de acesso à normalização ortográfica do português por parte de um significativo contingente populacional ao longo da sócio-história do Brasil permite evidenciar diferentes realizações fônicas representadas pelas oscilações idioletais e dialetais de seus falantes.

A fundação da lexicografia histórico-variacional vem como resposta à pouca atenção que a lexicografia tradicional tem dado aos formatos lexicais que se dissociam dos padrões linguísticos postulados pelas gramáticas normativas e seus apêndices. Isto é, as realizações lexicais patentes na fala de diferentes dialetos brasileiros não têm conseguido o registro que a história deveria promover, haja vista que,

no que concerne ao léxico, desconhecem-se ou omitem-se, como produtos linguístico-culturais de importância para a compreensão do processo formativo da língua, os formatos morfofônicos dos metaplasmos tão comuns desde a passagem do latim para o português, tais como próteses ou aféreses, epênteses ou síncope, paragoge ou apócope, rotacismos etc., muitas vezes, desprezados no processo de registro escrito da história linguística do País. Considerando que *verba volant*, é tempo de se evitarem as perdas a que se submeteram as línguas naturais, no que concerne às formas linguísticas das minorias no processo de construção das línguas de cultura. [...] mas já seria tempo de se estabelecerem estratégias pontuais que possam reverter, ao menos, parcialmente, a aspepsia imposta pela norma-padrão aos formatos linguístico-lexicais dissonantes (MACHADO FILHO, 2014, p. 244).

Inventariar o léxico patente nos mais diversos *corpora* do português é tarefa de que se ocupa a Lexicografia, habitualmente definida como “a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários, vocabulários, glossários etc” (WELKER, 2004, p. 11). Em seu trabalho intitulado *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*, Welker esclarece que

a *lexicografia* refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos *lexicografia prática* e *lexicografia teórica*. Na lexicografia prática, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários.

A *lexicografia prática* não é uma ciência... é uma prática – para a qual se precisa de muita ciência (...) “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”, pois quem elabora, ou compila um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário.

Já na lexicografia teórica, cada vez mais chamada de *metalexigrafia*, estuda-se tudo o que diz respeito a dicionários... Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados (WELKER, 2011, p. 31-32).

Concentrando-se na *lexicografia prática*, deve-se sublinhar que há na elaboração de produtos lexicográficos diferentes áreas de investigação e construção, usualmente, definidas como lexicografia tradicional e lexicografia histórico-variacional, a qual é

um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturas sociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Note-se que é preciso que o lexicógrafo histórico-variacional desenvolva métodos próprios que referendam atualmente elementos olvidados na passividade do passado.

Tal postura deve ter por escopo o registro de todas as formas observadas nos *corpora* investigados, independente da frequência de uso das unidades lexicais, como têm, até hoje, utilizado os lexicógrafos contemporâneos, isto é, deve-se inventariar toda “variedade das formas gráficas, quer simples, quer compostas ou complexas, ainda textuais, que possam ocorrer nos *corpora*, mesmo se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Em outras palavras, se no levantamento dos dados ocorre uma unidade lexical uma única vez e exclusivamente no feminino plural será esta a forma a compor o lema principal do verbete, evitando-se a canonização morfológica praticada na Lexicografia tradicional, que nesses casos optaria por excluir o item no processo de composição da nomenclatura.

Assim, a composição dos *corpora* deve refletir mais proximamente possível as realizações lexicais pertinentes ao momento histórico em que se inserem, revelando-se-lhes na sua amplitude de variação em sua integridade mais real.

Tais fatos revelam grandes preocupações que motivam a consolidação de um novo modo de fazer lexicografia, com a elaboração de glossários, vocabulários e dicionários dialetais, atendendo a inquietações que se referem à legitimatização dos usos linguísticos e promovendo a interface entre a Dialectologia e a Lexicografia.

3 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*: MÉTODOS ADOTADOS PELO PROJETO ALiB

Ao usar o léxico, o falante permite expressar suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence. É no léxico, portanto, que se tem o retrato de seu tempo, atuando, inclusive, como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara, como apontou Câmara Jr. (1985). Ou seja, o estudo dos itens lexicais de uma língua fornece fundamentos para um melhor entendimento de diversas realidades, como crenças, tradições e costumes de uma determinada sociedade, uma vez que “o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam” (SAPIR, 1969, p. 49).

Nesse sentido, para um melhor entendimento da heterogênea configuração do português brasileiro, tornou-se essencial o trabalho com dados reais da língua, sem incorrer no risco de caricaturar os usos linguísticos. Para tal, ressalta-se o trabalho pioneiro do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* no que se refere à abertura de caminhos para o desenvolvimento das pesquisas dialetais sobre a língua portuguesa no âmbito nacional.

No tocante à construção da metodologia do Projeto ALiB, foi fixada uma rede de pontos composta por 250 localidades, entendendo-as, obviamente, como uma amostragem da diversidade linguística, distribuídas ao longo de todo o extenso território nacional. Dentre tantos municípios que compõem o país-continente (CARDOSO, 2010), foram eleitos aqueles que se encaixavam em critérios como a extensão territorial, a demografia, aspectos culturais, históricos e sociais, os limites geográficos internos e

externos, além da data de fundação e processo de povoamento. É claro que o número restrito de localidades (250) deve-se à viabilidade logística e econômica do Projeto.

Em relação aos informantes, optou o ALiB por entrevistar sujeitos nascidos na cidade, filhos de pais nativos e que, preferencialmente, não tivessem passado mais de um terço da sua vida fora daquela localidade. Ademais, esses indivíduos não deveriam exercer atividades econômicas que exigissem grande mobilidade, a fim de não interferir na realidade linguística dos entrevistados.

Em cada capital investigada foram contatados 8 informantes – 4 homens e 4 mulheres, enquadrados em duas faixas etárias – de 18 a 30 anos (jovens), e de 50 a 65 anos (idosos) – todos alfabetizados (nível fundamental e superior completo).

Para este trabalho, foram investigadas seis capitais da Região Norte do Brasil: Macapá (ponto 02), Boa Vista (ponto 03), Manaus (ponto 06), Belém (ponto 12), Rio Branco (ponto 20) e Porto Velho (ponto 21), totalizando assim, 48 informantes. Apesar da existência de sete capitais, apenas seis foram estudadas, seguindo a metodologia adotada pelo Projeto, haja vista a cidade de Palmas, no Tocantins, não atender aos critérios de elegibilidade.

A coleta de dados do ALiB foi realizada através do método de gravação de áudio com base em um questionário específico, o *Questionário ALiB 2001*, em que são formuladas perguntas onomasiológicas e semasiológicas que contemplam: i) as relações pragmático-discursivas; ii) temas semidirigidos; iii) a concepção do falante a respeito da língua e; iv) os níveis da língua – o *Questionário Fonético-Fonológico* (QFF), o *Questionário Morfosintático* (QMS) e o *Questionário Semântico-Lexical* (QSL).

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa lexical se restringiu ao QSL, constituído por 202 questões distribuídas em 14 áreas temáticas: *Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana.*

3.1 DELIMITAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Após a delimitação do recorte da pesquisa, foi solicitado ao Comitê Nacional do ALiB autorização para utilização dos dados de caráter inédito coletados pela equipe de inquiridores e disponíveis no banco de dados do Projeto. Assim, mediante a concessão da autorização e de posse dos áudios, foi realizada a coleta dos dados. Essa fase permitiu o melhor acesso à intencionalidade dos falantes e todo o contexto comunicativo, o que auxiliou no processo de definição das unidades da língua.

De acordo Paiva (2003, p. 135), transcrever os dados extraídos dos eventos de fala é “[...] transpor o discurso falado, de forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral”.

No que concerne à língua falada, em trabalhos realizados na perspectiva sincrônica, mormente no campo da Lexicografia Histórico-variacional, as transcrições devem privilegiar grafematicamente as alterações fônicas, sobretudo, metaplásmicas

dessas unidades. De tal modo, ao estabelecer métodos que destoam dos postulados tradicionais da Lexicografia Contemporânea, revisita-se o conceito de variante lexical, já que

quando se definem variantes lexicais a questão tem apresentado outros contornos, como se ao léxico só importassem causas de ordem morfológica ou provenientes de fenômenos referentes a um estágio superior na hierarquia taxionômica dos níveis de análise (MACHADO FILHO, 2014, p. 271).

Interessa à pesquisa a resposta dessa variação lexical, conquanto se reconheça que nem todos os eventos de norma podem ser registrados, o que significa dizer que alguns critérios devam servir de baliza para a composição da nomenclatura – conjunto de verbetes de uma obra dicionarística – pretendida. Dessa forma, optou-se por inventariar as variantes decorrentes de alguns metaplasmos presentes na língua portuguesa, tais como:

- i) prótese (acrescentamento de um fonema em início de vocábulo);
- ii) epêntese (acrescentamento de um fonema em interior de palavra);
- iii) paragoge (acrescentamento de um fonema no final de palavra);
- iv) aférese (supressão do fonema no início de vocábulo);
- v) síncope (supressão do fonema no interior de palavra);
- vi) apócope (supressão de um fonema em final de palavra);
- vii) metátese (mudança de um fonema para outro lugar da sílaba).

Seguindo tal pressuposto, Machado Filho (2010, p. 66) alerta que

enquanto em um dicionário geral da língua [...] não pareça haver espaço para a inclusão de variantes que fujam ao *status quo* linguístico, pelas também óbvias razões de economia e insuficiência de dados, um dicionário dialetal, ao contrário, deve abarcar toda a instabilidade gráfica que os usos reais da fala possam em si fomentar, mesmo que esses itens não venham a constituir um cabeça de verbete na nomenclatura principal, senão lemas secundários na sua microestrutura, além de elementos integrantes do índice de palavras[...].

Por essa razão, no que diz respeito ao design estrutural, ou seja, a macroestrutura de um produto lexicográfico – como glossários, vocabulários e dicionários –, há a necessidade de um sistema de remissões bastante complexo, senão perdulário, em função da característica volátil, variacional dessas unidades.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Considerando os verbetes elaborados que se distribuíram em quatorze áreas temáticas diferentes, as quais podem ser contempladas abaixo:

- I. Acidentes Geográficos
- II. Fenômenos Atmosféricos
- III. Astros e Tempos

- IV. Atividades Agropastoris
- V. Fauna
- VI. Corpo Humano
- VII. Ciclo da Vida
- VIII. Convívio e Comportamento Social
- IX. Religião e Crenças
- X. Jogos e Diversões Infantis
- XI. Habitação, Alimentação e Cozinha
- XII. Vestuário e Acessórios
- XIII. Vida Urbana

Analisaram-se alguns metaplasmos recorrentes no *corpus*, como uma mudança de ordem fonética na estrutura da palavra, ocasionando adição, subtração, ou deslocamento dos fones. Os metaplasmos corroboram a natureza regular da mudança na língua falada, haja vista ocorrerem no português desde a transformação do latim vulgar até o surgimento das línguas românicas. Por isso, sob a ótica da Linguística Histórica, são considerados fenômenos naturais que apenas evidenciam a história da língua no presente, no entanto, recebem julgamento negativo pela maior parte dos falantes do português brasileiro.

Não obstante, conforme os dados do *Vocabulário Dialetal do Norte*, esses metaplasmos estão muito presentes na língua diária nortenha e, assim, devem ter influência no ensino de língua portuguesa, o que é um motivo maior para que sejam estudados em sala de aula tanto pelo docente quanto pelo discente. Quiçá, assim, possam desconstruir, ainda que de maneira tímida, alguns preconceitos sociais do Brasil, território marcado desde sua construção por desigualdade e corrupção, no qual julgamento sobre as realizações do português popular do Brasil é orientado pela evidência de que “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1998, pp. 6-7).

Os primeiros metaplasmos analisados foram a monotongação e a apócope, que podem ser apreciados no verbete 1.

Verbetes 1 – Monotongação e apócope

eo > o =
monotongação

Apócope

anteontem ≈ *antonte* – adv. (< *ante* + *ontem*)^h. → antes de ontem. ‘dia anterior ao dia passado’. *QSL 37: Como se chama o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]*

06	03
20	02
21	12

Fonte: Sousa (2017, p. 64).

Interessante observar é que sobre simples presença da monotongação em outros vocábulos, como *robô*, *cadera*, *manera*, *almeda*, não há julgamento pejorativo por nenhum falante do português, tanto o mais escolarizado, quanto o menos escolarizado, pois todos avaliam naturalmente o fenômeno. Contudo, ao realizar a variante *antonte*, em vez de *anteontem*, certamente existe avaliação negativa por parte de alguns falantes, mesmo o fenômeno de mudança sendo igual associado apenas à apócope que, inclusive, atua muito na língua, visto que a consoante final tem sido cada vez menos pronunciada na língua falada, o que pode ser constatado nos exemplos: *mar* > *má*, *amor* > *amó*, *linguagem* > *linguage*, *massagem* > *massage*.

No verbete 2, também, observa-se o fenômeno de apócope, agora associado ao betacismo que se configura como uma mudança muito comum na língua.

Verbetes 2 – Betacismo e apócope

v > b =
betacismo

Apócope do m

vagem ~ *bage* ~ *vage* – sf. (< lat. *vagina*)^z ‘fruto do feijoeiro’. *QSL 49: Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?*

06	03
20	02
21	12

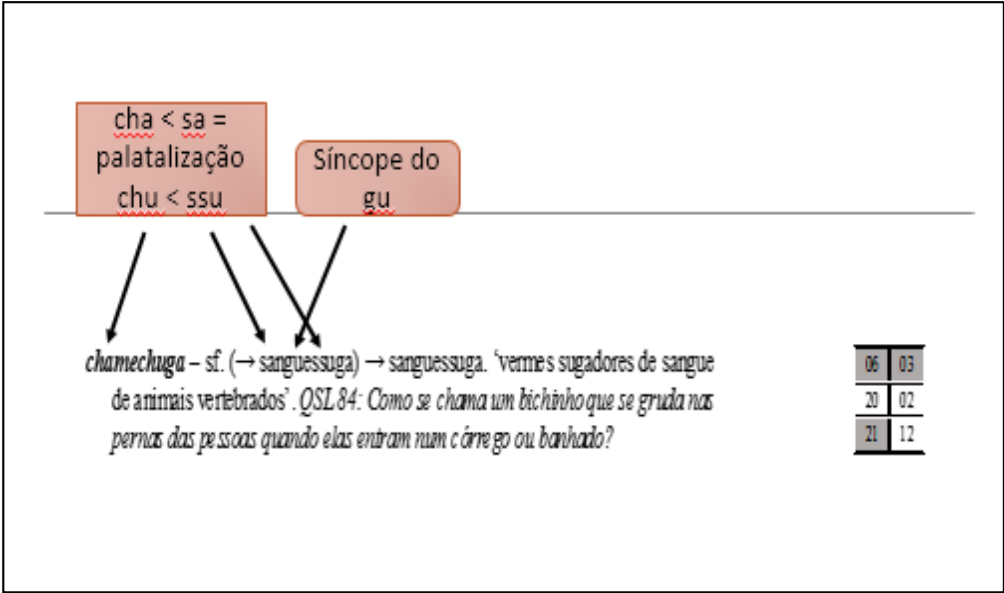
Fonte: Sousa (2017, p. 71).

O betacismo, mudança histórica na língua, atua justamente quando não há distinção na pronúncia entre os fonemas *b* e *v*, o que é fruto do contato de substrato do latim vulgar com os povos provavelmente autóctones da Península Ibérica, os bascos. Apesar disso, é avaliado negativamente por muitos falantes do português, em especial os mais jovens, que veem o fenômeno mais consolidado na fala dos mais idosos.

No entanto, um exemplo curioso ocorreu uma vez na aula de LET A27 – *A Língua Portuguesa no Domínio da România*, disciplina obrigatória do currículo de Letras da UFBA, em que umas das autoras deste trabalho era a docente e indagou a seus alunos quanto à pronúncia “correta” das palavras *basculante* e *vasculhante*, e a maioria optou pela segunda forma, embora a que esteja na norma de prestígio seja a primeira. Tudo isso só corrobora que o betacismo é muito comum na língua portuguesa e as formas precedidas pela consoante *v* são as mais aceitas socialmente, pois são julgadas como variantes mais inovadoras.

A seguir, no verbete 3, podem-se apreciar outras mudanças fonéticas, dessa vez, a palatalização e a síncope.

Verbetes 3 – Palatalização e síncope



Fonte: Sousa (2017, p. 73).

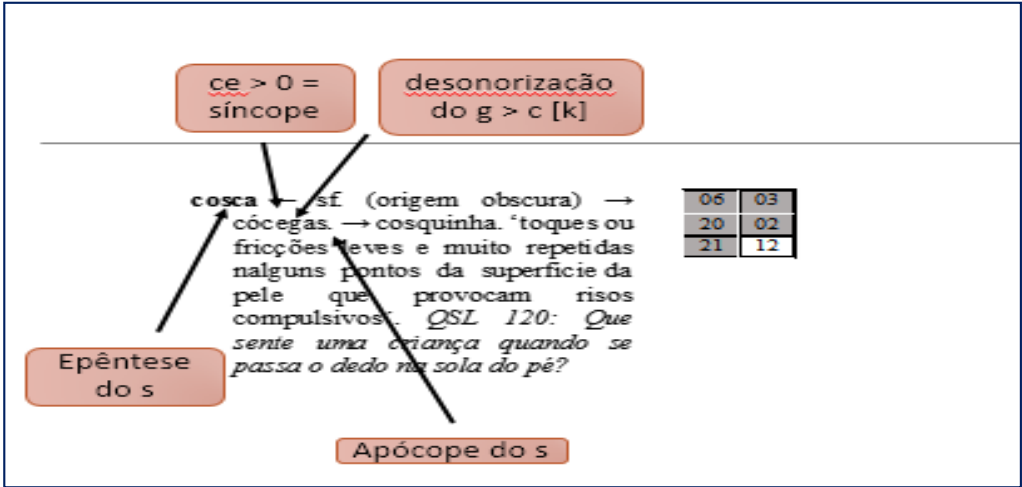
A palatalização ocorre quando um fonema se transforma em uma palatal, caracterizando bastante a língua portuguesa em comparação com o latim vulgar, que não dispunha de consoantes palatais, conforme Coutinho (1958). No que concerne à explicação externa do fenômeno, o autor explica que foi resultado do contato dos romanos com os diferentes povos celtas que habitavam a Península Ibérica.

Mesmo fenômeno ocorre em outras palavras na língua, como *família* > *familha*, por exemplo, assim como há o movimento inverso, caracterizando o processo de despalatalização, como o observável em: *filho* > *fio*, *mulher* > *mué*, *melhor* > *mió*, formas

ancoradas nas normas mais populares do português brasileiro e avaliadas de maneira muito negativa pela maior parte dos falantes. A síncope também atua na língua e é, em alguns casos, estigmatizada socialmente, ocorrendo em muitos outros vocábulos, como *Cícero* > *Ciço*, *para* > *pra*, *você* > *cê*.

Note-se que, no verbete 4, além da síncope, há outros fenômenos de mudança fonética, como a desonorização; a epêntese, e novamente a apócope.

Verbetes 4 – Dessonorização, epêntese, apócope e síncope

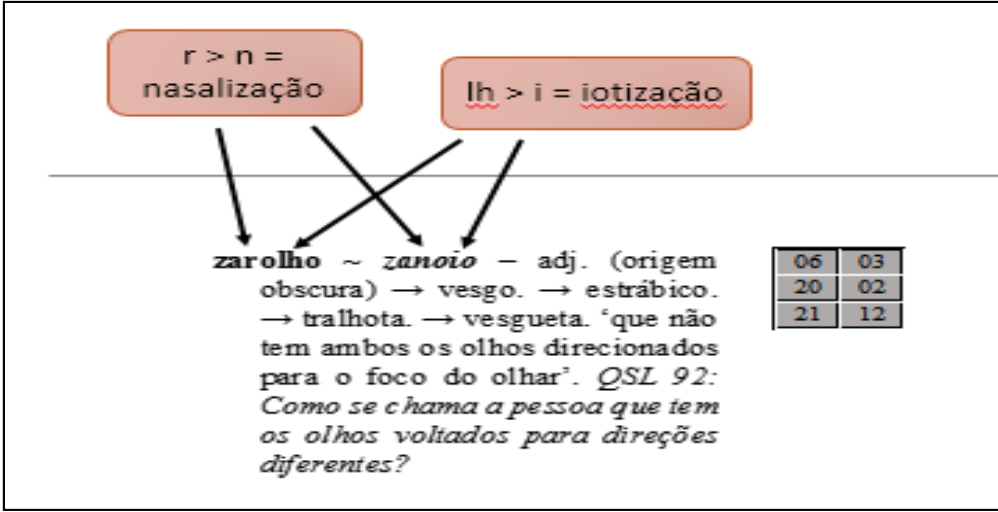


Fonte: Sousa (2017, p. 79).

A variante *cosca* é reconhecida em algumas normas populares de fala e, em alguns casos, também é estigmatizada socialmente, já que se associa às pessoas menos escolarizadas da sociedade. Contudo, registre-se que, recentemente, o juiz do Supremo Tribunal Federal, Sérgio Moro, cometeu “um erro crasso”, segundo alguns jornalistas, ao pronunciar, por duas vezes, a palavra *conge*, em vez de sua forma padrão *cônjuge*, o que só corrobora a naturalidade dos fenômenos metaplasmáticos no sistema linguístico do português, que atingem até a fala culta de uma pessoa altamente escolarizada na sociedade brasileira. Não obstante não se discute, neste trabalho, a legitimidade ou necessidade dos usos das normas cultas brasileiras em algumas situações sociocomunicativas.

Abaixo, podem-se identificar dois fenômenos recorrentes na língua, a nasalização e a iotização que recebem bastante estigma pelos falantes do português brasileiro.

Verbetes 5 – Nasalização e iotização

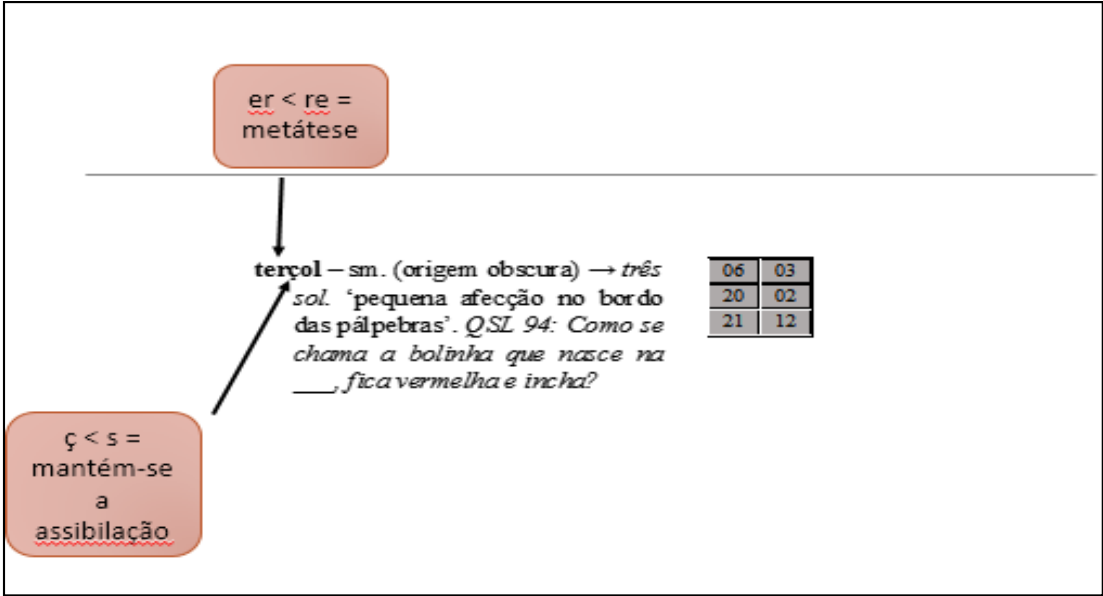


Fonte: Sousa (2017, p. 84).

Zanoio é uma forma comum em muitas comunidades de fala, entretanto, o mais interessante é verificar que em outros vocábulos ocorrem, muitas vezes, os mesmos processos de nasalização e iotização. Exemplos como *indiota*, *inxemplo*, *indentidade*, *inxame* demonstram a frequência desses fenômenos na língua, além de revelarem a avaliação preconceituosa que recebem.

A seguir, pode-se apreciar um fenômeno corriqueiro que é a metátese, ocorrendo muito em outros contextos, como *estrupe*, *parteleira*, *iorgute*, *tauba*, *vrido* etc.

Verbetes 6 – Metátese



Fonte: Sousa (2017, p. 83).

A metátese tanto ocorre na mesma sílaba quanto em sílaba diferente e está presente na história da língua. Comprova, juntamente, com os demais metaplasmos analisados a complexidade desses processos e a necessidade de que sejam entendidos a partir da ótica da diversidade linguística e da Linguística Histórica.

4 EPÍLOGO

As palavras arroladas no dicionário dão testemunho de uma cultura
(Biderman, 1996, pp. 31-32).

Para alguns, o interesse por um momento recuado da história do português pode não passar de mera erudição, como se fosse suficiente deixar o passado entregue às memórias do próprio tempo. Para outros, entretanto, é preciso intervir e recuperá-lo para que se possam abrir caminhos para o conhecimento da língua no momento presente.

Os metaplasmos identificados são habituais na língua falada, comprovando a relação intrínseca entre variação e mudança linguísticas. Desde a mudança do latim vulgar para o português, ocorreram metaplasmos, como os reconhecidos no *corpus*, o que comprova a repetição natural dos fenômenos de mudança fonética em todas as variedades da língua portuguesa.

Portanto, as mudanças analisadas apenas comprovam a importância da história da língua para explicar o presente, o que já foi há muito alertado pela saudosa Mattos e Silva (2008).

Ademais, as investigações sobre a mudança linguística desconstroem, em boa medida, o enraizado preconceito linguístico na sociedade brasileira e, por essa razão, acredita-se que, dessa forma, o professor de português, tendo conhecimento da variação e da história da língua, terá um importante embasamento teórico-metodológico no ensino das normas cultas e padrão na escola, conscientizando, assim, o aluno sobre sua norma de fala, ou melhor, sua identidade linguística, levando-o ao acesso a normas prestigiadas socialmente.

Estudar o passado é importante, porque podemos explicar o presente através dele, ao passo em que o presente, também, serve para explicá-lo.

Portanto, “sem dúvida, para quem hoje usa e tem a oportunidade de refletir sobre a língua que usa, alguma informação histórica passada é um instrumento útil para abrir caminhos para o conhecimento de sua língua” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 17).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. *A Paixão Medida*. J. Olympio, 1983.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Fundamentos da Lexicologia. In: *Teoria Linguística*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 95-213.

BRASIL/MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: UEL, 2001.

COUTINHO, Ismael. *Gramática Histórica*. 4ª. edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, pp. 6-7.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e de Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACHADO FILHO, A. V; L; NEIVA. I. *Ainda sobre “as origens e estruturação histórica do léxico português”*: étimo e processos de formação em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17772/15131>. Acesso em 24 mar.2018.

MACHADO FILHO, A. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia et al. *ROSAE: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 382.

MACHADO FILHO, A. Um ponto de intersecção para a dialetologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB, *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41, pp. 49-70, 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo, Contexto, 2008, p. 17.

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969.

SOUSA, Cemary Correia de. *Vocabulário Dialectal da Região Norte do Brasil: um estudo das capitais com base nos dados do projeto ALiB*. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: UFBA, 2019.

VILELA, Mario. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.